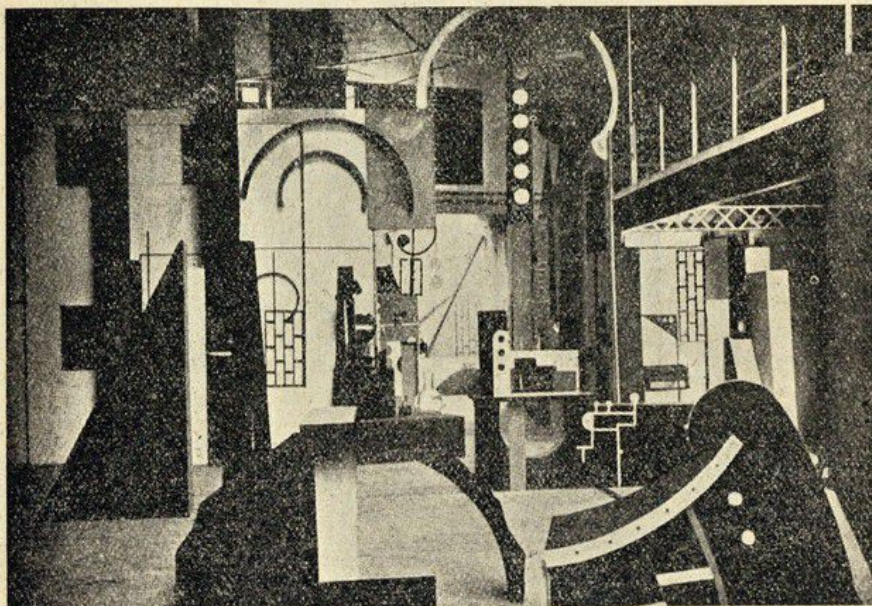


O cinema moderno e o seu papel artístico e educador



Uma interpretação mecânica do «film». «A Deshumana»

O cinema tem dentro da colectividade dois grandes papeis: o de educador e o de artístico.

O primeiro tem sido falsificado, adulterado, desviado do seu verdadeiro alvo pelas mãos dum industrialismo sem escrúpulos.

Explorado sob uma orientação mercantilista o cinema actual, em vez de preparar espíritos elevados, envenena-os, especialmente aos espíritos infantis. Sentimentos e instintos já adormecidos no regaço dos velhos séculos, são pelo cinema despertados, nessas detestáveis películas que a America fabrica e difunde pelo mundo, apenas com intuitos comerciais. Ressuscitaram-se falsos heroísmos, inverosímeis aventuras, afastaram-se para secundários planos o bom gosto artístico e entrou-se plenamente no absurdo — não na parte estranha e bela que certos absurdos possuem, mas sim na sua parte mais grosseira, mas indigna da mentalidade contemporânea. São películas para amadores de touradas e de *football*, para leitores de *Poisson du Terail* e de Conan Doyle...

Desvirtuado assim pelo *film* americano o papel educativo do cinema, resta o outro, o artístico, que não é

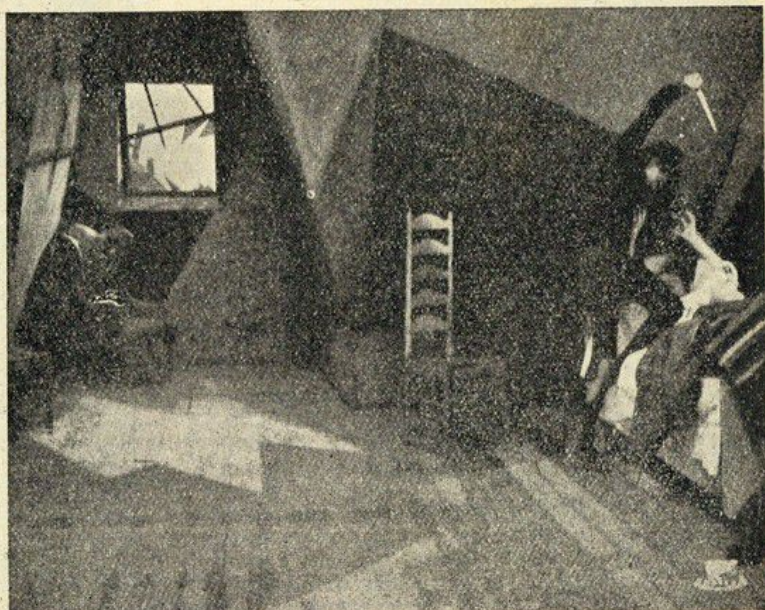
contudo dado por aquelas fitas, cuja perfeição de técnica cinematográfica não contesto, mas cujo critério de arte nego em absoluto.

O cinema, sob o puro ponto de vista artístico, mesmo quando tem senões de técnica, é ainda privilegio da Europa. E hoje é especialmente da Alemanha e da França.

E ao falar do cinema, eu parto do principio, ao contrario de tantos outros que o negam, de que ele por si só é uma arte. Uma expressão de arte que pode interpretar e fundir, numa só, todas as outras conservando, contudo, a sua independencia. E o erro até hoje tem consistido em quererem que o cinema seja um prolongamento do teatro e do romance.

Nisto estou com o alemão Carlo Mierendorff, quando diz que «quem descobrir totalmente o cinema, transformará o mundo.»

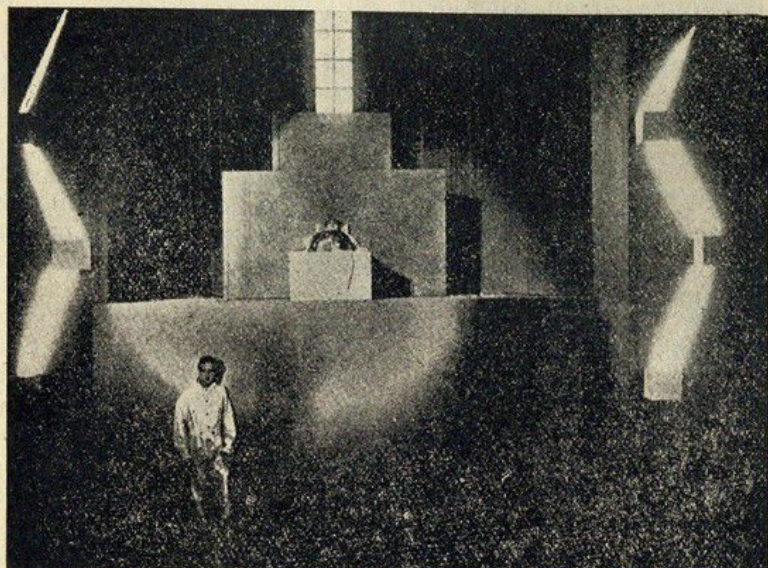
O cinema tem, de facto, um grande papel renovador, pela sua sugestão estetica, sentimen-



O expressionismo no cinema — Uma scena do «Gabinete do Dr. Caligard»

tal e ideológica. Como é profundamente objetivo, torna-se facilmente compreensível, mesma aos mais rudes, mesmo aos analfabetos.

E por isso mesmo o cinema é, de todas as



O volume e a luz no cinema moderno — Uma scena da «Deshumana»

artes, a que mais se tem difundido e renovado nos ultimos anos.

Depois do romance fotografado, nas paisagens bucolicas de Italia, depois do teatro levado á mudez do *ecrân*, na França, o cinema principia a conquistar uma personalidade propria.

Diz Jean Epstein, cineasta da vanguarda francesa, ao qual se deve, entre outras, essa película modernissima, que é *L'Affiche*:

«Geralmente o cinema assimila mal anedocta. Eu não desejo *films* onde não se passe coisa alguma, mas também não desejo aqueles onde se passam grandes coisas. Quero fotogenia, fotogenia pura, mobilidade com ritmo. No cinema o mais humilde detalhe facilita o sentido do drama entrevisto».

Foram os alemães, porem, que deram o primeiro grito de Belesa Nova, no cinema. Roberto Wiene rompeu as velhas formulas, as gastas interpretações, as decorações arcaicas, com um *film* percursor que assombrou a Europa. *O Gabinete do dr. Caligárd*. Depois vieram os franceses, o grande Marcel l'Herbier, com a sua *Deshumana*, que pelo seu ineditismo irritou as plateias burguesas, tendo-se em Portugal chegado ao exagero de se aplaudir e patear essa película; René Clair, com *O Entreacto* e *O Fantasma, do Moinho Vermelho*, Jacques Feyder, com *Expressões de creanças* e Epstein, com o já referido *L'Affiche*.

Como consequencia destas películas da vanguarda, surgem outras dentro já da nova tecnica, como *Sumurum*, um singular bailado oriental posto em cinema; *O defunto Matias Pascal*, de que Marcel l'Hertier foi o encena-

dor; *O Brazeiro ardente* e o *Leão de Mongolia*. Os alemães, por sua vez, procurando mais a sobriedade decorativa, dão-nos uma obra formidável com a filmagem da lenda dos *Nibelungos*. Ha outros ainda que se veem incorporar á belesa nova: De Delluc, com *A Mulher de parte alguma*; Griffith com a *Rua dos Sonhos* e Abel Gance, com *A Roda*.

Todos eles interpretam as novas manifestações de belesa, o triunfo do espirito moderno — e criam assim uma nova tecnica e até uma nova forma de representação.

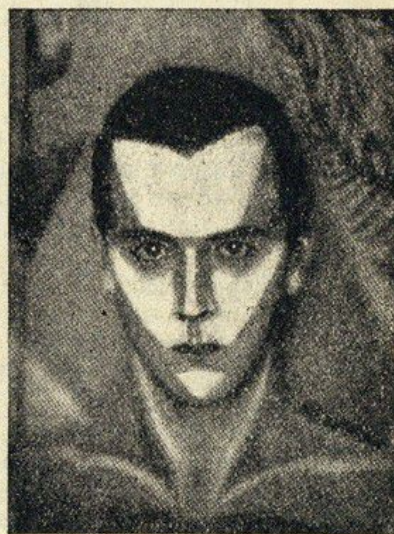
O trabalho de Moujouskine no *Defunto Matias Pascal* e de Jacques Catelain na *Deshumana* deixam realmente prever que é possível em breve crear sobre a actual maneira de interpretar os personagens, uma outra muito diferente, com atitudes, gestos e expressões de ineditas modalidades.

Num artigo da *Comedia*, escreveu em 1925 Catelain:

«Não necessitamos jámais de dar a nossa situação exterior ante o meio, mas sim a justa expressão da nossa alma.» «...Devemos saber dar á impressionabilidade da película uma vida profunda, uma vida essencial, a vida toda nua da nossa alma».

O cinema, pois, está entrando agora na sua verdadeira fase de criação, está sendo, com a victoria do espirito novo, totalmente descoberto. Deste estado de renovação devem surgir belas certezas artisticas, belas revelações duma arte nova — nova pelo espirito e nova pela existencia, pois não será somente uma arte que prossegue, metamorfoseando-se, mas sim uma arte que principia.

E não é arriscado esperar desta arte que vai viver por si propria, fóra do teatro e do romance, novas e valiosas conquistas para a humanidade, quer mentalmente, quer esteticamente.



A interpretação no cinema da vanguarda — Jacques Catelain caracterizado para um papel de engenheiro

F. de C.